

4

Campo

4.1

Descrevendo o campo

4.1.1 A chegada

Feitas as considerações sobre o tema do corpo na psicanálise, no capítulo anterior, e exposto na introdução o interesse pela questão do corpo, partiremos então para a pesquisa de campo. Ainda em Curitiba, encontrava-me inserido dentro de um interessante campo para pesquisa, ou seja, a clínica de cirurgia plástica em que trabalhei. No entanto, não encontrava no meio acadêmico de lá, um grupo de pesquisa em que pudesse me encaixar. Chegando ao Rio, eu não teria mais aquele campo, porém uma linha de pesquisa na PUC que articulava psicanálise e cultura, trazendo em seu bojo estreitas relações com o tema que eu desejava pesquisar.

Assim, distanciado geograficamente da clínica na qual trabalhara, o acesso a meninas adolescentes que iriam colocar prótese de silicone ou que já tinham colocado praticamente reduziu-se a zero. Iniciava-se meu mestrado e com ele as articulações com minha orientadora sobre a entrada em um diferente campo de pesquisa. Passemos, então, ao percurso que nos levou até ele.

4.1.2

Tentativas e impasses

Cinco ações foram empreendidas como aproximação para a entrada no campo de pesquisa. A primeira delas, propalar a quatro ventos o tema de meu trabalho, perguntar às poucas pessoas que eu conhecia naquela época, na cidade do Rio de Janeiro, se elas sabiam ou tinham contato com tais meninas adolescentes que se enquadrassem dentro do propósito de minha pesquisa.

A segunda, o contato com o departamento de cirurgia plástica de um hospital público para angariar minhas entrevistadas. Nesse, havia datas específicas

para inscrição e realização das cirurgias. Cheguei no momento em que as intervenções cirúrgicas já haviam sido realizadas e as próximas inscrições para novos procedimentos iriam ser iniciadas em tempo que não era compatível com o calendário que era preciso cumprir. Parti para a terceira das ações: o contato com cirurgiões plásticos de clínicas particulares. Munido dos poucos nomes de cirurgiões, esses se mostravam, por vezes, resistentes e, por outras, não tinham naquele momento pacientes adolescentes que estivessem prestes a realizar a cirurgia. Já a quarta tentativa de aproximação com o campo foi a criação de um perfil na rede social *Orkut*. Meu perfil na referida rede anunciava: “Finalidade no Orkut: Pesquisa de Mestrado PUC-RIO com jovens que vão colocar prótese mamária de silicone”¹. Assim, iniciei minha incursão pelas comunidades relativas ao implante de prótese mamária de silicone, enviando convites de amizade – para mais de uma dezena de meninas, perguntando se havia interesse da parte delas em participar da pesquisa. Vale ressaltar que muitos dos perfis que eram de meu interesse traziam a mensagem: “Não adiciono homens”. Dos convites enviados recebi apenas uma resposta de aceite. Foi assim que começou a se desenhar no horizonte uma quinta ação para minha entrada no campo.

Sem sucesso com minha aproximação do campo de pesquisa através do *Orkut* – e justamente por isso – tornei-me atento às novidades e movimentos relativos à cirurgia estética no campo midiático, principalmente na rede mundial de computadores. Nela, me deparei com declarações de cirurgiões estéticos que realizavam cirurgias de implante de prótese de silicone em meninas adolescentes, assim como de meninas que se submetiam ao referido procedimento. Após percorrer as dificuldades expostas, me dei conta de que a composição do campo de nossa pesquisa estava esboçada na mídia, na *internet*, com as redes sociais – em parte –, os *blogs* e os artigos jornalísticos, configurando-se assim como um campo de pesquisa contemporâneo por excelência.

¹ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=15555075789592076498>. Acesso em: 6 Nov. 2011.

4.1.3

Aspectos metodológicos

Decidir pela constituição do campo, tendo como instrumento metodológico a mídia, não significaria, conforme viemos a perceber mais tarde, que teríamos uma tarefa fácil, saída simples para os problemas que enfrentávamos. No entanto, diante do campo midiático, encontrávamos as declarações de adolescentes, não muitas, é verdade, sobre suas cirurgias de implante de prótese mamária de silicone.

Ora, se então encontrávamos na mídia as declarações pelas quais havíamos procurado no primeiro momento, entendemos que ou não havíamos empreendido um correto acesso ao campo, ou a pesquisa em si não era de interesse das partes envolvidas, mas sim única e exclusivamente deste pesquisador. Em outras palavras, mais parecia que cirurgiões não realizavam cirurgias em adolescentes e adolescentes já operadas não haviam realizado suas cirurgias com cirurgiões plásticos, ideia que muito nos lembra a história contada nos livros “Feios” (2010) e “Perfeitos” (2011), de Scott Westerfeld, trabalhada no capítulo anterior, em que adolescentes “da noite para o dia” eram submetidos a um procedimento cirúrgico.

Tendo como instrumento metodológico a mídia, foi, então, empreendida uma pesquisa qualitativa a partir da coleta de declarações de meninas que tivessem como projeto o implante de prótese mamária de silicone e, incluindo, se fosse o caso, declarações daquelas que já tivessem realizado a cirurgia. Foi estabelecido como critério considerar declarações dadas tanto no momento anterior à cirurgia como no pós-operatório. Isso porque nos interessava saber o que as movia à busca do implante de prótese mamária de silicone. Tais declarações foram encontradas nas seguintes fontes: *sites* G1, Manual pais e filhos, Artigos informativos, Guia da semana, Gazeta online, Folha online, Revista Claudia e Promotoras Legais Populares do Distrito Federal; rede social *Orkut* e *blogs* Lipo e silicone, Desabafa e Os sentidos da felicidade.

Dessa maneira, tendo nosso campo de pesquisa se configurado a partir das referidas fontes, não podemos negar o importante papel exercido pelas redes sociais, na contemporaneidade. Se pensarmos nas redes utilizadas por adolescentes interessadas no tópico implante de silicone, podemos afirmar com Costa (2005, p. 246) que este novo tipo de configuração social baseia-se “muito

mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência dos laços”. Essa cooperação instantânea em trocar informações sobre cirurgias estéticas é uma das características, também, dos chamados *blogs*, fóruns de discussão e até mesmo artigos jornalísticos, que apresentam logo abaixo de uma matéria um espaço para comentários e opiniões sobre seu conteúdo.

Feitas as considerações sobre a adolescência, no capítulo anterior, recorreremos ainda para nosso embasamento à definição da mesma para a OMS² - Organização Mundial da Saúde. Para o referido Órgão, a adolescência se define como sendo a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos de idade. Já no Brasil, o ECA³ - Estatuto da Criança e do Adolescente traz no artigo 2º a definição de adolescência como sendo a faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos de idade. Nesse sentido, optamos por trabalhar com uma faixa etária que englobasse a noção de adolescência, como desenvolvida no capítulo anterior, e não com um critério estanque entre idades, para a configuração de nossa amostra.

No entanto, dificuldades ainda se apresentariam em nosso percurso, pois, se pensarmos no velho ditado popular de que “papel aceita tudo”, hoje, podemos afirmar: o ciberespaço também. Estamos falando da questão da idade da adolescente associada à busca pelo implante de prótese mamária de silicone. Assim, nos parece que a “revelação” da idade nos leva à pergunta: mas com essa idade?!

Diante disso, é interessante notar que muitas das meninas não mencionavam em seus perfis – nas redes sociais – suas idades. Não revelar a idade parece implicar não sofrer questionamentos sobre o porquê de realizar o procedimento de implante de prótese mamária de silicone tão precocemente. Talvez aí, um dos motivos de não encontrar, no primeiro momento de aproximação ao campo, meninas adolescentes que estivessem dispostas a falar sobre suas cirurgias.

A problemática referente à idade das meninas, fato que nos acompanhou do início ao fim de nosso trabalho, parece ser um retrato contemporâneo, se pensarmos que cirurgias de implante de prótese mamária em adolescentes são bastante novas na cultura. Assim, se, por um lado, nas redes sociais, as referidas meninas não mencionavam suas idades e nos *blogs* nem sempre, por outro, nos

² Disponível em: http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/. Acesso em: 25 Ago. 2011.

³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 25 Ago. 2011.

artigos jornalísticos em que elas comentavam sobre suas cirurgias tínhamos a “revelação” de suas idades; informação essa central para um artigo jornalístico que estivesse abordando o assunto. Para nossas meninas adolescentes, nesses tempos espetaculares, ser matéria de jornal ou mesmo aparecer na TV parece completar o quadro de seus projetos cirúrgicos.

As matérias jornalísticas que tratavam do tema de nossa pesquisa, ao menos elas, reportavam-nos a uma mescla de gêneros de discurso (Bakhtin, 1992), a saber, um misto de notícia e publicidade. Em outras palavras, sob o pretexto de “informar” a respeito das cirurgias plásticas, o que se fazia era, na realidade, propagandear a referida prática cirúrgica. Logo, as referidas matérias parecem abrir um gancho publicitário para o mercado do silicone mais como uma constatação de fato, ou seja, a de que meninas adolescentes colocam silicone e que o mote para tal projeto seria a tão banalizada baixa de autoestima, na esfera social.

Sobre os imperativos publicitários, como produção de subjetividade, vale aqui o interessante artigo “Você decide...e Freud explica”, de Kehl (1996). A autora entende esse sintagma como uma prática bastante atual em nossas sociedades, traduzido pela ideia da onipotência do sujeito moderno. Esse sujeito se acreditaria como aquele que deve gozar de tudo ou fazer o que bem desejar. O efeito de tal onipotência seria, então, um sujeito que não precisaria prestar contas a respeito dos seus próprios atos. Aliada a tal fato, de acordo com a autora, tem-se “uma certa psicanálise”, convocada pela mídia publicitária, a “explicar”, melhor dizendo, desculpar nossos atos “como justificativa para o exercício da soberania narcísica do cidadão reduzido ao estatuto de consumidor” (Kehl, 1996, p. 1).

Em suma, da mesma maneira que a noção de imagem do corpo para a teoria psicanalítica não nos é dada a olho nu, nos perguntávamos onde estariam nossos sujeitos de pesquisa. Estariam elas dotadas de uma “visível invisibilidade”, tal como apontamos no capítulo anterior?

4.1.4

A (quase) invisibilidade de uma prótese de silicone...

Como mencionamos no tópico “Aspectos Metodológicos”, ao recorrermos às redes sociais e *blogs* para a instituição do campo, percebíamos que nossas meninas adolescentes, ao constituírem seus perfis sociais, na maioria das vezes não mencionavam a idade. Ora, como podemos afirmar que as referidas meninas eram adolescentes se as mesmas não mencionavam suas idades? Acreditávamos que muitas delas eram adolescentes, sim, já que em muitos dos seus perfis haviam elas postado fotos que pareciam indicar serem elas mesmas, justamente pelo “fundo de suas imagens” nos apresentar algo de pueril. Logo, se, por um lado, de forma geral, havia uma foto, de outro, não constava a idade. Dessa maneira, não tínhamos como saber exatamente dentro de que faixa etária estávamos circulando; sem levarmos em consideração, aqui, a dificuldade nos dias de hoje, em de discernir a idade de uma adolescente que parece buscar um *look* de mulher adulta, e a de uma mulher adulta que procura por um *look* adolescente.

Em busca de cooperações instantâneas, como mencionamos há pouco com Costa (2005, p. 246), essas parecem mesmo ter sido o motivo que levou uma blogueira da Paraná – conforme matéria no *site* G1⁴ - a criar um *blog* contendo o passo a passo de sua cirurgia. Com a palavra, Priscila:

Antes da cirurgia fui atrás de informações e não havia relato. Decidi montar o blog e contar minha cirurgia para trocar experiências com outras pacientes e futuras pacientes (Priscila, 26 anos).

Ela ainda afirma que muitas das perguntas e dúvidas enviadas por aquelas que seguem seu *blog* vêm das adolescentes. Coincidências ou não, Priscila, não sendo mais uma adolescente, menciona sua idade em seu *blog*. No entanto, para a veiculação da matéria acima mencionada, ela pede que seu nome e imagem não sejam divulgados.

É interessante notar que o ciberespaço nos remete a uma terra, melhor dizendo, um espaço em que encontramos todos e, ao mesmo tempo, ninguém. É

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-ferias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 06 Ago. 2011.

virtual por excelência. Daí, talvez a virtualidade de nossos sujeitos de pesquisa. Embora existam regras na construção de um perfil em rede social ou na confecção de um *blog*, essas no espaço virtual parecem perder sua força. Tanto *blogs* como redes sociais possuem suas próprias políticas de conteúdo que, em geral, não diferem muito entre si. Ao procurarmos sobre políticas que mencionassem regras em relação à idade, a que mais se aproximava da informação que desejávamos foi encontrada em um *blog*⁵, em específico, que diz:

Falsificação de identidade: não engane ou confunda seus leitores fingindo ser outra pessoa ou representar uma organização se isso não for verdade. Não estamos dizendo que você não pode publicar paródias ou sátiras, mas evite conteúdo que possa enganar os leitores sobre sua verdadeira identidade.

Notemos que a referida regra se utiliza do termo “evite” para a política relativa à identidade do criador do *blog*. Já na Política de Conteúdo da rede social *Orkut*⁶, encontramos o seguinte parágrafo que faz menção a idade, para aqueles que desejam criar um perfil na referida rede social:

Ao criar um perfil no Orkut, os usuários devem inserir sua real data de nascimento. Os usuários precisam ter pelo menos 13 anos de idade para usar o Orkut. Se encontrarmos qualquer evidência de que um usuário tenha mentido sobre sua idade, podemos excluir sua conta.

Se, basicamente, o que é necessário para se criar um *blog* ou perfil em rede social é uma conta de *e-mail*, como evitar que se coloque uma idade que seja fictícia ou mesmo uma foto que não pertença ao dono do perfil? Basta visitarmos qualquer *blog* ou perfil de rede social para constatar que muitas das vezes a idade ou a foto não constam. Tal fato nos indica a não obrigatoriedade em se preencherem esses campos. Quem gerencia um *blog* ou perfil em rede social é o seu próprio dono, não há moderadores para eles, mas sim políticas de conteúdo. Essas reservam-se o direito de exercer a exclusão de um *blog* ou perfil de uma

⁵ Disponível em: <http://www.blogger.com/content.g>. Acesso em: 20 Out. 2011.

⁶ Disponível em : <http://www.google.com/support/orkut/bin/answer.py?hl=pt-BR&answer=16198&topic=1687890>. Acesso em: 20 Out. 2011.

rede social que incentive, por exemplo, discriminação, pedofilia ou temas que violem severamente os termos de suas políticas. Ora, mentir ou omitir a idade parece não ser ato que justificaria a exclusão de um perfil que tem como objetivo a troca de informações sobre cirurgias plásticas.

Após inúmeras horas de navegação na *internet*, viemos a perceber que ao mesmo tempo em que adolescentes procuravam – como foi o caso da blogueira do Paraná –, assim como nós, declarações de outras adolescentes que já haviam se submetido ao procedimento cirúrgico, essas últimas pareciam propalar seu feito à boca pequena ou somente após a realização da cirurgia em extensão midiática. Nossas adolescentes contemporâneas, com o silicone já implantado, parecem estar mais propensas a falar sobre o assunto à “sociedade do espetáculo”, desde que sejam notícia nos *blogs* e redes sociais e, principalmente, em artigos jornalísticos, como afirmamos há pouco no tópico em que discutíamos sobre a idade das meninas.

Ora, se nossas adolescentes evitam falar sobre seus projetos cirúrgicos e, quando falam, muitas vezes, é sob a ótica da baixa autoestima e não a partir de uma implicação sobre seus atos, algo semelhante parece acontecer no caso dos cirurgiões plásticos, em relação a declarações sobre cirurgia estética em meninas adolescentes. Se, por um lado, eles se mostraram bastante resistentes, para simplesmente falar a este pesquisador sobre o assunto cirurgia em adolescente, por outro, no artigo jornalístico “Adolescentes aproveitam férias para voltar às aulas com silicone nos seios”⁷, o atual presidente da SBCP, Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica declara:

Eu mesmo já coloquei silicone numa menina norueguesa de 13 anos, mas com cara de 18. Mas ela estava com quase 1,70 m, já havia menstruado. Esse caso é raro, mas nos últimos três anos, pus próteses em oito garotas com menos de 15 anos (Sebastião Guerra, Presidente da SBCP – Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica).

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html> Acesso em: 06 Ago. 2011.

A referida matéria ainda aponta que, de acordo com a SBCP, a idade média das adolescentes que colocam silicone é de 15 anos de idade. Já na matéria “Plástica agora é presente de 15 anos”⁸, temos a seguinte passagem:

Em entrevista ao jornal A GAZETA, o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgiões Plásticos, Sebastião Guerra, diz ser normal encontrar meninas com menos de 18 anos com o sonho de colocar silicone. "Eu fiz a cirurgia da minha filha, por exemplo. E ela adorou", frisa o médico, com naturalidade.

Sabemos que a declaração do cirurgião sobre o tema das cirurgias plásticas em adolescentes é tão somente um recorte discursivo para qual as possibilidades de leituras são diversas. No entanto, esse recorte não nos deixa de remeter ao narcisismo parental de que nos fala Freud (1914). Se, de fato, o cirurgião resgata ou não seu próprio narcisismo outrora perdido, isso parece ser o que “menos importa”. O que seria interessante pensarmos é que um procedimento cirúrgico de tal monta, realizado por aquele pai em sua filha, pode ser uma hipótese a ser trabalhada, verificada sob a luz do texto freudiano de 1914.

Assim, quanto aos cirurgiões estéticos, há aqueles que são radicalmente contra o implante de prótese mamária de silicone em meninas adolescentes e lembram que o corpo delas ainda não está completamente desenvolvido, ou então que se deve esperar de 3 a 4 anos após a primeira menstruação para a realização da cirurgia. Já os cirurgiões que são a favor do procedimento cirúrgico alegam que cada caso deve ser cuidadosamente analisado e que é possível realizar a intervenção cirúrgica em meninas adolescentes. Portanto, as declarações do presidente da SBCP não refletem de todo a opinião da classe dos cirurgiões estéticos, já que muitos são contra o procedimento e explicam o porquê. Esse é o caso das duas declarações que seguem abaixo, respectivamente encontradas nas duas matérias – veiculadas nos *site* G1 e Gazeta Online – acima citadas:

Menininha de 15 anos que quer prótese porque coleguinha pôs ou viu na TV não me convence. É a mesma coisa que pai deixar filho menor pegar carro para dar uma volta. Se vir adolescente, não deixo de atender. Tenho conversa franca junto com os pais, mas mesmo

⁸Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2010/12/713371-plastica+agora+e+presente+de+15+anos.html. Acesso em: 14 Fev. 2011.

que eles autorizem e adolescente queira, é o cirurgião quem decide. Com o corpo da adolescente em formação, em crescimento, a intervenção cirúrgica deve ser feita se necessário, afirma Ruben Penteado, cirurgião plástico, diretor do Centro de Medicina Integrada em São Paulo.

O cirurgião Fábio Zamprogno desaconselha o procedimento em menores de 18 anos. "A prótese comprime e prejudica o desenvolvimento da mama. Pode ocorrer um afinamento da pele e não há tratamento que corrija. Já a redução de mama pode ser antes dos 18 anos quando existe um incômodo como dor nas costas, por exemplo", ressalta.

Expostas as dificuldades em relação à aproximação com o campo de pesquisa no que se refere à explicitação da idade ou à sua omissão, vale ressaltar que pesquisar o que move meninas adolescentes a procurar pelo implante de prótese mamária de silicone não tinha como projeto categorizar as partes envolvidas, ou seja, os cirurgiões estéticos e meninas adolescentes, dentro de um juízo de valor de acordo com seus atos. O questionamento de tal movimento por parte das adolescentes constitui um objeto de pesquisa. Assim, jamais a pergunta norteadora de nossa investigação seria feita diretamente às adolescentes, visto que essa pergunta era aquela que nós nos fazíamos e, portanto, seria respondida por nós em um diálogo com o campo de pesquisa e com a teoria da qual nos utilizamos para problematizar a questão.

Dessa maneira, dada a polêmica relativa à questão da idade, tudo indica que a omissão dessa, por parte das adolescentes, é a regra que impera. A discussão gira, basicamente, entre os que entendem que o referido procedimento em tenra idade é perfeitamente possível e aceitável, e aqueles que propalam críticas convictas contra a cirurgia nessa fase da vida. Mas deveria tal discussão ser analisada radical e exclusivamente entre essas duas esferas opinativas?

Na dicotomia entre o fazer e o não fazer, de um lado temos o cirurgião plástico e, de outro, a adolescente, essa representada legalmente por um responsável que terá de assinar o termo de consentimento para a cirurgia da menor de idade. Dito de outro modo, de forma geral, o cirurgião parece só operar aquela que o procura, e a adolescente só procura pelo cirurgião que aceita operá-la.

Foi assim que nosso campo de pesquisa revelou-se deveras paradoxal, pois se, por um lado, houve toda uma dificuldade de realizar uma pesquisa que

apontasse questionamentos além da notícia, por outro, era via a mídia que tínhamos o melhor exemplo, justamente, do que pretendíamos investigar – ou seja, o que move meninas adolescentes a “turbinarem” seus seios.

4.2

Categorias de análise

As categorias de análise foram definidas a partir da leitura de declarações de meninas adolescentes nas fontes citadas e agrupadas por temas que se apresentavam recorrentes sobre um determinado aspecto, aos olhos da adolescente, relativo à sua cirurgia. Assim, a coleta de dados foi interrompida no momento em que percebemos significativa repetição dos temas que eram associados à cirurgia.

Nesse sentido, nossa análise primará por um diálogo com as considerações teóricas tecidas nos capítulos anteriores e o discurso particular de meninas adolescentes que têm, ou tiveram, como projeto o implante de prótese mamária de silicone. Foram dez as categorias estabelecidas: corpos indecisos: “turbinar” ou não “turbinar”?, corpos presenteados: “hoje faço 15 anos!”, corpos midiaticizados: “ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém”, corpos advertidos: “seios realmente insuficientes?”, corpos em transformação: “a adolescência desperta no horizonte”, corpos fusionados: “tal mãe, tal filha”, corpos simetrizados: “o ideal do tamanho”, corpos tímidos: “a vergonha é maior que o desejo!!”, corpos desejados: “o olhar masculino” e corpos em competição: “little miss sunshine e miss teen brasil”

Embora o discurso de nossas meninas adolescentes tenha sido veiculado na mídia, optamos pela utilização de nomes fictícios a fim de manter o sigilo daquelas que constituíram o campo de pesquisa. Particularmente, no caso das redes sociais e *blogs*, foram mantidos os erros de digitação e outros segundo as regras da norma culta da língua portuguesa contidos nas declarações que selecionamos. Tal critério, acreditamos, mantém a autenticidade dos discursos veiculados na rede mundial de computadores, já que aponta as transformações ocorridas no campo da língua escrita, na contemporaneidade. Uma vez escolhida como fonte de pesquisa a *internet* e a mídia em geral para a configuração do

campo, não foi considerada aqui a classe social, nem o critério geográfico dos sujeitos da pesquisa. Passemos às referidas categorias.

4.2.1

Corpos indecisos: “turbinar” ou não “turbinar”? Eis a questão

Também do lado das adolescentes ou daqueles que se sentem convocados a opinar sobre “ter ou não ter peitos turbinados”, percebe-se a mesma dicotomia, tal qual verificada entre os cirurgiões plásticos. Na rede social *Orkut*, por exemplo, inúmeras são as comunidades relacionadas ao implante de prótese de silicone a dividir opiniões. Há, por um lado, aquelas que com seios que não se encaixam no padrão de beleza vigente e se dizem felizes com o tamanho deles, por outro, aquelas que encontram no implante a “solução” para seus seios pequenos.

Estar contente com seios pequenos e não recorrer ao implante de prótese mamária de silicone, nos dias de hoje, com o perdão do trocadilho, é realmente para quem tem peito e, justamente por tê-lo, parece não precisar de mais. Seguem abaixo, descrições de algumas comunidades selecionadas na rede social *Orkut*, que retratam a dicotomia entre aquelas que são a favor, assim com aquelas que são contra o silicone:

Comunidade: Silicone NUNCA

Descrição: Temos peito pequeno, mas não é por causa de uma modinha q vamos passar por uma cirurgia e colocar um "corpo estranho" no nosso corpo...Somos mulheres lindas, felizes com nós mesmas e muito bem resolvidas...e silicone?? NUNCA!!

Comunidade: EU NÃO TENHO SILICONE!

Descrição: Se vc é assim, gatinha, lindona, verdadeira, original de fábrica, como veio ao mundo, se não “comprou” nem um pedaço de plástico, quer dizer, silicone, vc merece participar dessa comunidade, não interessa se vc tem ou não “volumão” (peitão, bundão. . .) mas sim que não tenha silicone em lugar nenhum do corpo (inclusive os injetáveis) Vc é mais vc, se aceita como é, o seu namo, marido, cacho ou seja lá o que for, põe a mão em algo real, verdadeiro.

Fazer menção a um “corpo estranho”, “pedaço de plástico”, nas comunidades acima remete à constituição de um corpo “natural”, em que a prótese não encontra representação investida para ela, por ser um objeto real que não faz parte dele. Vieira (2008) nos fornece um interessante exemplo vindo de sua experiência clínica ao lembrar que

... hoje, o silicone se disseminou (...), pode ser comprado e levado para casa. Foi o que me ensinou alguém bastante jovem, ao insinuar certa vez ter sua futura prótese na bolsa, para acostumar-se com ela antes da cirurgia (Vieira, 2008, p. 80-81).

Estaria a jovem tentando “implantar sua prótese” em seu discurso “para se acostumar com ela antes da [futura] cirurgia”?

A descrição das comunidades abaixo traz a ideia de que a prótese de silicone veio para fazer os ajustes de que um corpo “declinado em peças isoladas [...] por motivos de conveniência pessoal” necessita, como nos lembra Le Breton (2003, p. 16). Acreditamos que a “conveniência pessoal” associada às descrições a seguir aproxima a prótese a um investimento outro – de um corpo lindo, maravilhoso –, “como se” já estivessem implantadas antes mesmo da cirurgia. Onde encontrariam garantia de que a prótese lhes proporcionaria um corpo bem humorado, maravilhoso?

Comunidade: Eu tenho SILICONE! E dai??

Descrição: Esta comunidade foi criada para todas as mulheres que teem PROTESE DE SILICONE e não teem vergonha em ter. E DEDICO ESTA COMUNIDADE TAMBEM PARA AQUELAS MULHERES QUE DEPOIS DA PROTESE SUA VIDA MUDOU, MAIS ALEGRIA, MELHOR HUMOR E QUANDO SE OLHAM NO ESPELHO SE SENTEM LINDAS E MARAVILHOSAS. SENDO ASSIM... SÓ FALTAVA MESMO ERA O SILICONE!!!!!! AINDA BEM QUE EXISTE E FICA MELHOR A CADA DIA. SILICONE....

Comunidade: O SILICONE RESOLVE!

Descrição: quem tem peitos.. tem! e quem nao tem?? BOTA SILICOONEEEEEEEEEEEEEEE!

Assim, que uma prótese de silicone tenha o poder de “mudar uma vida” em que “só faltava mesmo era o silicone”, ou que ela simplesmente não faça

diferença alguma por se prezar um corpo “natural”, a escolha por “turbinar” ou não “turbinar” os seios parece depender daquilo de que o corpo é investido.

Para algumas adolescentes, tal investimento nos dá indícios de estar representado por um presente de aniversário, como veremos na próxima categoria.

4.2.2

Corpos presenteados: “hoje faço 15 anos!”

Extremamente imaginarizada e carregada de sentido, a cápsula de gel, nos dias de hoje, é presente de aniversário de 15 anos. Presentes de aniversário, em geral, são dados a partir da relação que se tem com uma aniversariante. Conta, também, o valor sentimental que supomos ter o presente para aquela que faz anos, em consonância com o que conhecemos de sua “personalidade”.

É plausível supor que, em se tratando de meninas em torno dos seus 15 anos de idade, esse presente seja dado pelos pais da adolescente. Mesmo que não, para a realização da cirurgia, lembremos, essa deve ser autorizada por um adulto responsável pela adolescente; em outras palavras, sempre haverá alguém a se coadunar com a ideia do procedimento cirúrgico.

Como dissemos há pouco, um cirurgião só opera a adolescente que o procura e a adolescente só procura aquele que aceita operá-la. Assim, para a prática da cirurgia estética em adolescentes, temos uma conjunção de forças composta pelo cirurgião plástico, pela adolescente mesma – com o consentimento de seu responsável – e a mídia a pautar tal fenômeno na cultura contemporânea.

Podemos perceber que o narcisismo parental vem se apresentando como um dos fatores que, talvez, possa vir a determinar que nossas adolescentes empreendam seus implantes de prótese mamária de silicone. Esse funcionamento pode ser depreendido na declaração do cirurgião estético que realizou a cirurgia em sua própria filha e, agora, o vemos nesta categoria. Desenvolveremos mais essa questão na categoria “Tal mãe, tal filha”.

Voltando para a presente categoria, encontramos Tanya, uma britânica de 15 anos de idade, que ganhou a cirurgia de presente de aniversário. Sua declaração nos indica a imagem a que seu corpo está atrelado. De acordo com a matéria do

jornal Folha de São Paulo⁹, Tanya alega que “estava infeliz com os seus seios”. Infeliz, ela sintetiza:

Você precisa ter seios de verdade para ter sucesso. Todas na TV já fizeram um implante. Então pensei: qual o problema se eu posso ter implantes quando quiser (Tanya, 15 anos).

Para Tanya, ter seios pequenos parece não ser mais o problema. Ela pode tê-los ter “quando quiser”, para ter sucesso. Basta comprá-los! Já Gisele, na matéria “Adolescentes aproveitam as férias para voltar às aulas com silicone nos seios”¹⁰, traz em sua fala a ideia de que viagens como presente de aniversário são boas, mas que em determinados momentos há coisas melhores.

Foi presente antecipado de aniversário melhor que qualquer viagem. Chego à maioridade em agosto, mas não aguentei esperar. Ganhei os implantes do meu pai, mas ajudei a pagar com o dinheiro que guardei da mesada, viu?! Sempre admirei e achei lindo seios grandes e considerava os meus muito pequenos (Gisele, 17 anos).

Não importa, aqui, se os seios de Gisele eram de fato pequenos ou não. É, pois, importante salientarmos em sua declaração que é ela quem “considerava” seus seios “muito pequenos”. A matéria traz ainda a declaração de Marcela – que também ganhou sua prótese como presente de aniversário - e informa que ela “só fez a cirurgia porque era traumatizada pela ausência de seios volumosos”.

Doeu um pouquinho sim, mas valeu a pena. O resultado foi ótimo. Só quando eu coloquei as próteses passei a me sentir mulherão. Fui vítima de bullying na escola. Sempre tive bunda grande, mas não tinha peito. Me chamavam de ‘bundita’ e de ‘reta’. (Marcela, 21 anos em 2011).

A relação entre a situação vivida por Marcela na escola e a sua busca pelo implante de silicone seria por demais apressada. No entanto, ao elaborar determinado arranjo que justifique o projeto de sua cirurgia, Marcela encontra nele o mote que parece agregar valor ao seu presente de aniversário.

⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0601200105.htm>. Acesso em: 09 Ago. 2011.

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

Com o implante de sua prótese mamária de silicone, Marcela passa a se sentir um “mulherão”, Gisele afirma: “agora eu tenho peito” e Tanya fala em “sucesso”. Tais sintagmas comprovam a “imagem de sucesso” e “aparência de felicidade”, como apontado por Vilhena, Novaes & Rocha (2008, p. 385), a que o corpo está atrelado na cultura contemporânea. Assim, esse imaginário em muito se mescla com a categoria que veremos a seguir. Em outras palavras, “ou você tem beleza, tem peitão, ou não é ninguém”.

4.2.3

Corpos midiaticizados: “ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém”

A frase de Evelin, 16 anos, escolhida para nomear esta categoria foi encontrada no *site* “Artigos Informativos”¹¹. De acordo com o site, a adolescente “escolheu o peito novo folheando revistas e fixando o olhar no colo de Deborah Secco”. Apesar de sua percepção em relação ao estágio conferido ao corpo no imaginário social, Evelin, ao mesmo tempo que recorre à cirurgia, sentencia:

É assim - ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém. Nas novelas, toda garota tem, no cinema idem, no colégio há várias... até a secretária do meu pai está com os seios da moda (Evelin, 16 anos).

Se, por um lado, a imposição das imagens veiculadas na mídia revela a pressão social exercida sobre uma adolescente, por outro, ainda que diante do reconhecimento de tal estado – como é o caso de Evelin – cabe à adolescente mesma optar por se submeter à sua cirurgia. Na mescla das esferas pública e privada, encontramos um Eu pressionado por todos os lados. É interessante notar que Medeiros (2005), ao tecer suas articulações sobre o estágio do espelho irá salientar que é devido à precariedade do Eu, que esse viria a mesclar-se com o espelho – proporcionando à criança a representação de uma imagem que estaria fora dela.

¹¹ Disponível em : http://local.artigosinformativos.com.br/Analizando_a_cirurgia_plastica_em_adolescentes_Rio_Branco_Acre-r1171334-Rio_branco_AC.html. Acesso em: 16 Out. 2011.

Dessa maneira, “todas na TV”, “nas novelas”, “no cinema” e “no colégio”, que já têm peitos siliconados, poderiam talvez compor uma imagem para aquelas que, com seus seios pequenos, tentariam buscar com seus implantes a “adequação especular”. Assim, podemos pensar, com Novaes (2001), que Evelin quis ser alguém, pois tendo “os seios da moda” ela “tem beleza”:

O que é normativo para a mulher contemporânea, não é o fato dos modelos de beleza serem impostos, uma vez que o discurso sempre foi este, nem mesmo de que seja dito que ela deve ser bela, mas o fato de afirmar-se, sem cessar, que ela pode ser bela, se assim o quiser (Novaes, 2001, p. 42).

Nesse sentido, adquirir beleza parece conferir maiores chances de fazermos parte do “seleto” grupo que “comprou” o padrão de beleza vigente. É o que constata Luana que, de acordo com o mesmo *site*, “Artigos Informativos”, trocou a tradicional festa dos 15 anos por sua cirurgia:

A gente deve usar o que puder para melhorar as chances. Minha irmã fez o mesmo, abriu mão do carro que ia ganhar aos 18. Do manequim 44, secou para o 40. Nessa hora, a gente pesa o que traz mais vantagem (Luana, 15 anos).

Quais seriam as chances de que Luana fala? Seria mesmo a possibilidade de, a partir de sua cirurgia, se posicionar no “ângulo exato” diante do espelho? Além disso, Luana ao citar a irmã mostra como a esfera econômica poderia contribuir para que as “chances” sejam aumentadas. Eco (2007) recorre a Marx na introdução do seu livro “História da feiúra”, que remete a essa questão:

Há uma passagem de Marx (Manuscritos econômico-filosóficos de 1844) que recorda como a posse do dinheiro pode suprir a feiúra: “O dinheiro, na medida em que possui a propriedade de comprar tudo, de apropriar-se de todos os objetos, é o objeto em sentido eminente... Logo, minha força será tão grande quanto maior for a força do meu dinheiro... O que sou e posso não é, portanto, efetivamente determinado pela minha individualidade [...] não sou feio, na medida em que o efeito de feiúra, seu poder desencorajador, é anulado pelo dinheiro [...]. Meu dinheiro não transforma todas as minhas deficiências em seu contrário?” (Eco, 2007, p. 12).

E para aquelas que se veem deficitárias diante de seus seios pequenos e, também, são menos favorecidas economicamente, nos dias de hoje, estão disponíveis clínicas de cirurgia plástica que parcelam a desejada prótese de silicone em até 60 vezes!¹²

Ainda em tempo, lembremos que, em nossas considerações sobre as categorias de análise, salientamos que não seriam consideradas como critério para a coleta de dados nem a classe social nem a localização geográfica dos nossos sujeitos de pesquisa, uma vez que havíamos optado pela *internet* como fonte de pesquisa. Apenas a declaração de Tanya, que abre a categoria Corpos apresentados: “hoje faço 15 anos!”, vem do Reino Unido. Todas as demais declarações são provenientes de veículos midiáticos que documentam fatos em território nacional, constituindo um campo que representa o fenômeno de implante de prótese mamária em meninas adolescentes na cultura contemporânea brasileira.

No entanto, foi interessante encontrar a declaração de Kelly – ainda no *site* “Artigos Informativos” –, uma uruguaia de 17 anos que se mudou para o Brasil quando tinha 11 anos de idade. Kelly parece ter sofrido em seu corpo os efeitos da nossa cultura, conforme podemos constatar em suas palavras:

As garotas da mesma idade já tinham formas arredondadas. Aos 13, assumiam atitudes de mulher, beijavam e trocavam de garotos, enquanto eu era infantil e deslocada. Se ainda vivesse no Uruguai, não sentiria o desejo de mudar. Nem meus pais aprovariam. Lá, quem põe silicone é atriz fútil ou gente de muito dinheiro (Kelly, 17 anos).

Se, por um lado, Tanya, Evelin, Luana e Kelly encontram-se identificadas à imagem de que “ou você tem beleza, tem peitão ou não é ninguém”, por outro, há aquelas que parecem elaborar outra saída diante do espelho.

¹² Disponível em: <http://www.superclassificados.com/anuncio/protese-de-silicone-lipoaspiracao-abdominoplastia-parcele-em-ate-60-me>. Acesso em: 05 Dez 2011.

4.2.4

Corpos advertidos: “seios realmente insuficientes?”

O *blog* “Lipo e silicone”¹³, citado na matéria “Adolescentes aproveitam as férias para voltar às aulas com silicone nos seios”, traz uma discussão a respeito do conteúdo contido nesse artigo jornalístico. O debate traz declarações de meninas adolescentes sobre as questões que envolvem a idade daquelas que aderem à cultura dos “peitos turbinados”, em tenra idade. Com a palavra, Luciana:

...li essa entrevista, para falar a verdade quem me mostrou foi o meu pai! Nao sou contra nao, mais depende muito dos casos. nao posso falar muito porque me enquadro nesse grupo de meninas, possuo 17 anos e coloquei protese tem 18 dias. Coloquei 345 e estou muito feliz com o resultado. Eu acho boa essa cirurgia como no meu caso, estava afetando a minha auto estima, eu tinha vergonha de sair de casa sem sutiã porque meus peitos eram muito caidos porque depois de 2 anos eu emagreci mais de 10 quilos e eles deram uma boa caida ai eu resolvi operar depois de ver que nao tinha jeito de colocar eles durinhos de volta, somente com a cirurgia mesmo! nesse caso eu concordo, mais meninas que fazem a cirurgia só para ficar com o peito maior do que o da mãe ou algo parecido? ah isso eu nao concordo nao. acho que deve esperar um tempo, porque é uma CIRURGIA, gasta dinheiro e nao é uma coisinha simples que se faz. acho que meninas com a minha idade devem pensar bem se é isso mesmo que elas querem [...] no medico que eu fui ele falou que apareceu uma menina lá de 14 anos querendo colocar silicone. a mãe dela já havia feito centenas de plasticas e a filha falou que queria fazer e a mãe concordou acredita! e o pior é que a menina nao precisava pq já possuia os seios grandes (Luciana, 17 anos).

Vanessa, diante das palavras de Luciana, acrescenta:

Eu concordo com a Luciana. Também tenho 17 anos, daqui duas semanas faço 18, e estou louca pra colocar silicone. Sempre me senti mal com o tamanho dos meus seios, sutiã só de bojo e bolha, biquini também! Acho essas garotas de 13, 14 anos, muito novas pra colocar.. apesar de que EU não vi muita mudança dos meus 13 anos pros 17.. mas de qualquer forma não é só o corpo, como falaram, elas não estão maduras e com a cabeça

¹³ Disponível em: <http://www.lipoesilicone.com.br/>. Acesso em: 11 Set. 2011.

formada pra passar por um procedimento desses, mesmo sendo simples. Já vejo tanta mulher, com quase 30 anos reclamando do resultado (que na maioria das vezes está ótimo), imagina uma garota de 14 15 anos, que é SUPER perfeccionista com o corpo? A maturidade ‘mental’ conta mais nessas horas (Vanessa, 17 anos).

Diferentemente de seguir a moda dos “peitos turbinados”, Luciana recorreu ao procedimento cirúrgico em virtude de seu emagrecimento e da flacidez de seus seios, decidindo-se por fazer a cirurgia só depois de dois anos. Já Vanessa está pensando em realizar sua cirurgia por ter seios pequenos, mas pondera sobre a “maturidade mental” na hora de decidir pelo procedimento cirúrgico. Levanta, ainda, interessante questionamento sobre as cirurgias estéticas, quando cita a mulher de 30, insatisfeita com uma cirurgia “ótima”.

Esse questionamento mais soa como um alerta às leitoras do *blog* “Lipo e silicone”, pois o exemplo citado indica algo a mais que subjaz à insatisfação diante de uma cirurgia com “bom resultado”. Em outras palavras, Luciana e Vanessa parecem estar mais advertidas a respeito de suas imagens corporais, do corpo investido pela pulsão. No texto “O inconsciente” (1915, p. 28), Freud lembra que, “se a pulsão não aderisse a uma ideia ou não se manifestasse como um estado afetivo, dela nada saberíamos”. No entanto, se considerarmos a pulsão sendo enlaçada – de forma apressada – à ideia de se ter “peitos turbinados”, talvez, tal fato possa implicar dissabores, uma vez que “ideias” ou “estados afetivos” são bastante fluidos. A cautela parece contar para que se possa entender o que está em jogo para o corpo pulsional.

Nesse sentido, Luciana e Vanessa acusam algum saber a respeito do encontro com suas imagens no espelho. Se as perdem nele, já que essas não correspondem ao dito padrão de “peitos turbinados” parecem contar com o tempo – “depois de 2 anos”, “não é só o corpo, como falaram, elas não estão maduras e com a cabeça formada” – para terem notícias do pulsional e realizarem ou não seus procedimentos cirúrgicos.

No *blog*, que leva o nome de “Desabafa”¹⁴, encontramos declarações – no fórum “Tenho vergonha dos meus seios” – que também apresentam uma outra saída frente à dita moda dos “peitos turbinados”. No caso da declaração de Laura,

¹⁴ Disponível em: <http://desabafa.com/desabafos-femininos/2313-tenho-vergonha-dos-meus-seios>. Acesso em: 05 Ago. 2011.

abaixo, podemos perceber que a representação de seu corpo está atrelada a uma ordem divina. Tal arranjo se configura como uma poderosa saída para justificar a condição de seus atributos físicos.

Eu tenho 17 anos e eu também tinha vergonha dos meus seios mas agora eu não tenho mais por que eu entendi que os homens não ligam pra isso o importante é o caráter da pessoa [...] quando vocês encontrarem um namorado fique tranquila deixa ele te mostrar que gosta de vc como é [...] tenho amigas desejos grades e digo eu fasso mas sucessos do que elas por que eu me amo e se Deus nos fez assim é por que algo especial ele tem para nós todas!!!! (Laura, 17 anos).

Para Lívia, 15 anos, autoconfiança é o que conta:

Tenho 15 anos é tbm tenho seios um pouco pequeno. Mas eu nem ligo, pois o que realmente importa não é tamanho do seu seios, mais sim o que é por dentro. E outra coisa se o cara gosta realmente de vc, ele não vai se importa, com uma coisa tão idiota dessa. Meninas sejam mais vcs e se ame do jeito que vcs é, assim tudo na vida se torna mais facil. Pois A ALTA-CONFIANÇA É TUDO. (Lívia, 15 anos).

Lívia, além de salientar a importância do “que [se] é por dentro”, parece também não esquecer o investimento de seu corpo atrelado à sexualidade, quando menciona que “se o cara gosta realmente de vc, ele não vai se importar, com uma coisa tão idiota dessa”.

Contra a moda do silicone, Jordana, no *site* “Guia da Semana”¹⁵, afirma:

Baixa auto-estima é algo muito mais profundo do que a simples preocupação com a estética. Já tive problemas com o meu corpo, mas nunca recorri a uma intervenção cirúrgica. Sabia que o problema estava na minha cabeça (Jordana, 21 anos).

Se a baixa de autoestima é bastante utilizada como justificativa para se recorrer ao implante de prótese mamária de silicone, Jordana, diferentemente, parece entender que problemas com o corpo requerem outros cuidados que não

¹⁵ Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/filhos/noticia/silicone-antes-dos-18>. Acesso em: 16 Out. 2011.

somente o de uma intervenção cirúrgica. Essa ideia já aparece nas ponderações de Luciana e Vanessa, no início dessa categoria. Assim, sendo adeptas da ideia de que uma cirurgia plástica deve ser ponderada, parecem nos dizer que um procedimento cirúrgico dessa monta pode também fazer parte dos cuidados para com o corpo de acordo com cada caso.

Ainda no mesmo *site*, encontramos a declaração de Júlia, 19 anos, que se submeteu ao implante de prótese mamária de silicone, quando tinha 16 anos de idade, para corrigir a assimetria de seus seios. Embora Júlia tenha dado a declaração, que segue abaixo, 3 anos após a realização de sua cirurgia, podemos perceber em seu discurso certa clareza sobre o que implica se submeter a uma cirurgia estética:

A cirurgia me ajudou em uma idade bem difícil para uma menina. De alguma forma, o silicone contribuiu para minha formação como mulher. Para mim, era importante o bastante para não adiar. Preferi fazer na primeira oportunidade que tive. Medo a gente sempre tem, mas isso não foi mais forte que a vontade de mudar. Eu disse a eles [os pais] que meus seios realmente me incomodavam e atrapalhavam minha auto-estima. Muita gente dizia que eu era muito nova e que era perigoso. Mas depois só recebi elogios e abri a cabeça de muitas mães de amigas minhas, que acabaram colocando silicone também. Você precisa saber se isso é algo que realmente te incomoda ou se é só mais uma modinha da qual você quer participar (Júlia, 19 anos).

Júlia parece recorrer a uma cirurgia estética mais no sentido de proporcionar a si mesma conforto em relação ao seu corpo do que no de sentir-se impelida a corresponder a qualquer espécie de padrão de beleza.

No caso das meninas que representam essa categoria, a busca por uma cirurgia estética parece contribuir para o resgate de uma imagem de corpo que envolveria “um narcisismo menos imaginarizado” – se assim podemos dizer. Nesse sentido, parece não haver como não sofrer os impasses relativos à sexualidade, à sexualização do corpo, em sua passagem de organismo a um corpo pulsional (André, 1986), que ora se expressam na falta de seios, ora no excesso deles que emergem na adolescência, no corpo adolescente.

4.2.5

Corpos em transformação: “a adolescência desperta no horizonte”

No *site* “Manual Pais e Filhos”¹⁶ encontramos o interessante fórum chamado “Seu corpo”, no qual, pela primeira vez, verificamos também a presença de uma moderadora. Nele, a pergunta feita por ela foi: “Você está satisfeita (o) com seu corpo? Se não está, você acha que isso te atrapalha como?” No entanto, antes de passarmos às declarações selecionadas, façamos as considerações percebidas nessa categoria.

Primeiramente, pode-se notar nas declarações que seguem que todas as meninas fazem questão de mencionar suas idades, apesar de as regras do referido fórum não fazerem menção alguma a respeito do aspecto etário. Nesse sentido, publicar a idade parece fornecer subsídios para a fundamentação de seus argumentos, ou seja, a condição adolescente de seus corpos.

O desencadeamento hormonal que o corpo de uma adolescente testemunha, aliado ao que a fase mesma da adolescência implica, aponta para o descobrimento do corpo e de suas transformações, as quais, ao estarem a meio caminho, parecem eternizar um sentimento de que tudo irá ficar como está. Tais declarações parecem ainda remeter a esse desconcertante quebra-cabeça corporal da adolescência, em que as peças acusam não mais se encaixar, no momento mesmo em que a adolescente inicia seus primeiros passos – esses, solitários, e daí a necessidade de fazer grupo – para o encontro com o “objeto sexual” (Freud, 1905, p. 195).

No terceiro capítulo, Medeiros (2005, p. 178) salienta que, para a menina, “o ideal de Eu estaria a ocupar o lugar de instância da lei”, compensando seu supereu fragilizado diante da não visibilidade do seu sexo. Tal fato faria com que a menina, por isso mesmo, fizesse sua entrada no complexo de Édipo e dele demorasse a sair. Lembremos, na esteira freudiana, que após o complexo de Édipo temos o chamado período de latência, que funcionaria como uma hibernação forçada em que o sujeito ficaria a esperar por sua maturação fisiológica e

¹⁶ Disponível em: <http://www.manualpaisefilhos.com.br/forum/30-seu-corpo.html?limit=20&start=80>. Acesso em: 03 Jul. 2011.

biológica, para despertar novamente, no reencontro com seu próprio corpo, agora sob a luz da adolescência.

Dessa forma, perguntamo-nos: poderia esse ideal ser reeditado na adolescência na forma de um pedido de ajuda após o período de latência? Vejamos o que nos diz Bianca a respeito do seu corpo e a sua idade:

Oii, eu tenho 12 anos e ainda não tenho peito, isso é o UÓ (Bianca, 12 anos).

Bianca parece enfasiada com a imposição da condição adolescente de seu corpo, não se conformando com o fato de que já tem 12 anos e ainda não tem seios. Já a resposta de Janete, para a pergunta lançada pela moderadora, vem na forma de pergunta:

NÃO, não estou saitsfeeita ! tenho 14 anos, e não tenho Peito' oquee eu façoo ? (Janete, 14 anos).

A pergunta de Janete parece retratar o descontentamento com o seu corpo, dado o caráter transitório e de transformações inerentes à adolescência. No entanto, não temos como saber, aqui, quais são os dispositivos psíquicos de que ela pode lançar mão nesse período. Sua pergunta, ao menos, remete a uma inquietação.

Nas declarações agrupadas a seguir, encontramos como denominador comum o comentário que uma menina faz, diante de suas amigas, em relação à condição de seu corpo. Entre elas, comparam se seus seios já se desenvolveram a contento ou não – em relação à idade em que se encontram – e, ainda, se já menstruaram ou não. O caráter transitório e indefinido da fase adolescente, como salientamos, chega ao mal-estar, no caso de algumas. Se pudermos associar esse mal-estar ao que ficou conhecido como crise da adolescência, devemos então lembrar que essa é reportada como uma ameaça ao narcisismo, em que o Eu-ideal seria encurralado pela realidade em que agora se encontram as adolescentes, diante das transformações que testemunham em seus corpos.

Não estou satisfeita pq vou fazer 15 anos esse mês e naum tenho seios, só pelos na vagina e nas axilas..

Minhas amigas tem td menos eu, isso me deixa triste demais.. =/ (Marize, 15 anos).

Gente, eu tenho 12 anos, eu menstuei á dois meses,tipo, o problema é o mesmo de quase todas as meninas NÃO TENHO NADA DE SEIOS [...] eu me sinto muito mal, perto das outras garotas, e eu uso sutiã de enximento,mais é foda, se eu tirar todos vão perceber :/ eu me sinto inferior as outras meninas :// (Helen, 12 anos).

Eu acabei de fazer 14 anos em 2 de outubro, e tenho um problema serissimmo (pelo menos é o que axo) eu sou magra, sem peito (tudo bem ta nascendo), nao menstruo, nao tenho perna e nem bunda. eu e mais uma da minha sala somos as unicas que n menstrua e n tem corpo. Eu zhoro muiito pke eu tenho uma amiga de 12 que ja menstrua e tem u corpinho bonitinho. Eu sinto feia e minha auto-estima ta baixa. Hoje em dia os meninos ligam muito pra a aparencia.. POR FAVOR ME AJUDEM! (Rosa, 14 anos).

Já nas declarações de Francine e Maria Fernanda abaixo, como não lembrar da campanha publicitária da Valisère? Nela, a adolescente se envergonha pelo fato de ter que se trocar na frente de outras meninas, no vestiário da escola, quando ainda não usa sutiã como elas, por não ter seus seios desenvolvidos. O que parece estar em jogo aqui é o olhar do outro. Talvez possamos pensar que, no caso de Francine e Maria Fernanda, o olhar do outro já estaria “condicionado” aos seus olhos pelo fato mesmo de não terem seios. Retornaremos a essa questão na categoria Corpos desejados: “o olhar masculino”.

Eu nao estou satisfeita com meu corpo tiipoo, tenho 12 anos, mas eu sou a unica das minhas amigas que nao tem seios, isso eh muito chato. quando agente vai trocar de roupa sabe.. sei la, fico constragida porque elas tem e eu nao, entao vou pra outro lugar trocar de roupa. e a minha prima de 10 anos, ela tem mais que eu, os seios dela se desenvolveram mais rapido que os meus, porque sera que meus seios nao crescem? eh genetico isso? (Francine, 12 anos).

Oi meninas ! pelo que eu li vcs sao iguais a min . eu tenho 12 anos , sou magra ,alta, tenho um poko de bunda e quase nada de seio . é horrivel , todas as minhas amigas ja tem seio ,ja menstruaram . e eu Nada É UM SACO . eu tmb só uso soutiem com enximento . morro de vergonha de se trocar perto das minhas amigas . por isso evito ! e na praia quando me xaman vivo dando desculpas que nao quero ir . eu amo praia (Maria Fernanda, 12 anos).

Já Irene, com 15 anos de idade, esboça certo bom humor frente à condição de seu corpo e, também, à condição feminina, ao mencionar que ainda não menstruou. Diante do descompasso corporal associado à sua imagem corporal, parece ter elaborado um interessante arranjo, para aquilo que se apresenta na cultura como homogeneização dos corpos, quando se reporta ao tempo:

Eu tenho 15 anos, não tenho seios, tão crescendo. sutiã de pano ta marcando kk vou comprar bojo pra ficar sobrando, mas pelo menos não marca, quero um preto *-* eu menstruei só com 14 anos, ainda bem, quanto mais tarde melhor. corpo eu não tenho, ainda bem. as vezes bate uma tristeza, as vezes me acho feia. mas um menino se apaixonou por mim, me ama do jeito que eu sou, estamos juntos a 8 meses. corpo não é tudo na vida, com o passar do tempo todas terão corpo, é questão de tempo (Irene, 15 anos).

Assim, a resposta de Bianca – a primeira declaração nesta categoria – pode ser uma das tantas respostas possíveis à inquietante pergunta de Janete, tal como apresentada no início desta categoria. A declaração de Maíra, por sua vez, revela uma possibilidade mais imaginarizada diante de sua insatisfação com os seios pequenos:

Meninas que preclamam de ter pouco peito, não se preocupem, a genética é uma coisa louca, ninguém entende, minha mãe disse q até os 16 nao tinha nd de peito, deois em um ano cresceu oq devia ter crescido em 3! Geralmente tem a ver com a genetik familiar, mas se não estiver satisfeita economiza um dinheiro e põe silicone! (Maíra, idade não mencionada).

Como podemos ver, a saída para a insatisfação com o corpo adolescente pode ser multifacetada. No entanto, essa insatisfação parece ter em seu horizonte o Eu-ideal. Diante disso, buscaremos um diálogo com o narcisismo parental, a partir das articulações realizadas no capítulo anterior. Passemos, então, à nossa próxima categoria de análise.

4.2.6

Corpos fusionados: “tal mãe, tal filha”

Salientamos na categoria Corpos presenteados: “hoje faço 15 anos!”, que o narcisismo parental vinha se apresentando como um dos possíveis fatores que poderiam contribuir na decisão de meninas adolescentes optarem pelo procedimento cirúrgico de implante de prótese mamária de silicone. O fato mesmo de os pais de uma adolescente terem que assinar um documento autorizando a cirurgia de sua filha nos permite pensar na implicação de suas partes nesse ato.

Na clínica onde trabalhei, todas as vezes que uma adolescente procurou pela cirurgiã plástica diretora, ela vinha acompanhada de seus pais. Melhor, na maioria das vezes, estava acompanhada de sua mãe, que, em geral, já havia realizado cirurgia de implante de prótese mamária de silicone. Esse cenário se repete na declaração de Isabel, no *blog* “Desabafa”¹⁷, já citado anteriormente:

Tenho 17 anos e vou fazer 18 em março NÃO TENHO seios são bem pequenos [...]e não transo por vergonha deles [...]enfim decidi colocar silicone (minha mãe colocou e apoia mais meu pai não) é horrível se sentir assim (Isabel, 17 anos).

Já no *site* criado pelas Promotoras Legais Populares do Distrito Federal, que tem como objetivo a troca de ideias e experiências na defesa dos direitos das mulheres nas comunidades daquele Distrito, encontramos no *link* “Variedades” o artigo “Adolescentes fazem cirurgia plástica – Bisturi cada vez mais cedo”¹⁸, que traz a declaração de Aline, 17 anos. O artigo aponta a mãe de Aline como adepta das próteses de silicone e mostra como a voz da mãe, em vez da do médico, adverte a filha sobre o que implicaria uma prótese muito grande. Com a palavra, Aline:

Meu sonho era colocar 250 ml em cada mama, mas minha mãe disse que podia dar estrias, por isso optei por quantidade menor.

¹⁷ Disponível em: <http://desabafa.com/desabafos-femininos/2313-tenho-vergonha-dos-meus-seios>. Acesso em: 05 Ago. 2011.

¹⁸ Disponível em: http://www.forumplp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1533:adolescentes-fazem-cirurgia-plastica-bisturi-cada-vez-mais-cedo&catid=73:saude&Itemid=169. Acesso em: 16 Out. 2011.

Estou no auge da juventude e vou aproveitar. Foi ótimo para minha autoestima (Aline, 17 anos).

Ainda no *blog* “Desabafa”, encontramos, na declaração de Ana Luiza, a mesma mescla de vozes: palavras da própria Ana Luiza e de sua mãe, que manifesta um “narcisismo às avessas” – se assim pudermos chamar –, destinando à filha um lugar bastante peculiar, ou seja, o de alvo de chacotas:

Tenho seios muitos pequenos me ajude tenho 15 anos nao tenho seios nenhum fico com vagonha minha prima com 12 anos tem os seios grandao fico com vergonha minha mae fica rino da minha pessoa por quer sou alta e sem seios fico muito triste por favor mim ajunde povo (Ana Luiza, 15 anos).

Apresentaremos a seguir declarações que trazem, justamente, o diálogo entre mãe e filha a respeito do implante de prótese mamária de silicone. A primeira declaração¹⁹, já citada anteriormente, está contida no artigo sobre as adolescentes que fazem suas cirurgias durante as férias escolares:

Quis peitos bonitos como os da minha mãe, que já têm silicone. Mas meu sutiã não passava do tamanho 36 e eu usava com bojo para parecer que eles eram maiores. Agora eu tenho ‘peito’ (Gisele, 17 anos).

A seguir, temos a declaração de Luiza, mãe de Gisele:

Desde os 14 anos minha filha falava que os seios dela eram pequenos e me pedia para pôr silicone, mas eu dizia que não, que ela ainda era muito nova. Depois que eu coloquei as próteses em mim neste ano, minha filha insistiu mais. A levei ao médico e como ele disse que o peito dela não cresceria mais, decidimos fazer a plástica nela (Luiza, 36 anos).

Lancemos mão de uma pequena digressão. Gisele era muito nova – tinha 14 anos – quando pediu para que sua mãe a deixasse colocar o implante de prótese mamária de silicone. No entanto, Luiza – de acordo com seu entendimento – só permitiu que Gisele realizasse a cirurgia, quando fosse mais velha, ou seja, aos 17 anos de idade.

¹⁹ Disponíveis em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

Notemos que nesse intervalo de 3 anos quem realizou o procedimento de implante de prótese mamária de silicone foi Luiza, mãe de Gisele. Haveria algo em jogo, caso Luiza permitisse que sua filha fizesse a cirurgia quando ela ainda tinha 14 anos de idade? Estaria em questão somente o fato de a sua filha ser muito nova para realizar a cirurgia aos 14 anos de idade?

Se associarmos a fala de Gisele à declaração de sua mãe, é interessante notarmos que a frase de Gisele – “quis peitos bonitos como os da minha mãe” – só pôde ser dita, por óbvio, depois que sua mãe realizou sua cirurgia. Uma frase óbvia tal como uma imagem no espelho que, quando refletida, nos apresenta em seu fundo algo que nos escaparia ao olhar. Estaria no dizer de Freud (1914, p. 110): “... no fundo tão infantil [do] comovente amor parental [...], o narcisismo renascido [de Luiza]” ao permitir que sua filha realizasse a cirurgia, depois que ela havia feito a sua?

Poderíamos afirmar que o que estaria em jogo – se Luiza permitisse que sua filha realizasse sua cirurgia antes dela – seria a noção de falo, uma vez que a castração “não visa apenas à criança, visa igualmente à mãe” (Chemama, 1993, p 31-32)? Não saberemos. No entanto, também não podemos deixar de pensar nas palavras de Medeiros (2005), quando diz que “... a mãe fálica acena com a promessa de completude. Ao se apresentar como completa a mãe sugere esta possibilidade à sua filha”. Ao que parece, Luiza, a mãe de Gisele, deixaria de acenar a promessa de completude à sua filha, se lhe permitisse realizar a cirurgia quando ela ainda tinha 14 anos de idade. Assim, com sua cirurgia já realizada, tentaria assegurar “esta possibilidade [para apresentar] à sua filha”: sua completude. O mote de Luiza – e ao mesmo tempo a posse do falo – parece estar sob a ideia de que sua filha era muito nova para realizar o procedimento cirúrgico.

A relação entre mãe e filha também aparece na matéria “Teens entram na fáca”²⁰, que aponta Lorena, uma cirurgiã plástica, como

Um mostruário vivo de sua clínica. Já fez três lipos, arrebitou o nariz, siliconou as maçãs do rosto, lifting foram duas, operou as pálpebras inferiores, levantou e reduziu os seios e, acredite, aplicou Botox duas dezenas de vezes no rosto.

²⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2901200609.htm>. Acesso em: 09 Ago. 2011.

Lorena, ao falar a respeito dos procedimentos cirúrgicos estéticos que realizou, conclui:

Agora tenho uma expressão mais leve (Lorena, idade não mencionada).

Sobre aquelas que querem fazer uma cirurgia plástica em tenra idade em sua clínica, que é o caso também de sua filha Priscila, acrescenta:

Tem uns que querem fazer muito cedo, mas não deixo. Minha filha queria colocar silicone com 13 anos, mas não permiti. Ela só conseguiu me convencer aos 16. Acho que ela precisa fazer uma lipo no culote (Lorena, idade não mencionada).

É interessante percebermos o movimento decrescente em relação aos parâmetros etários para a realização de uma cirurgia em adolescentes. Lorena não permitiu que a filha realizasse sua cirurgia aos 13 anos de idade, mas sim “só” quando foi convencida por Priscila quando essa completou 16. Com a palavra, Priscila, a filha de Lorena, hoje com 20 anos:

Eu sempre quis ter essa forma de mulher. Se pudesse, teria feito tudo antes. Vou fazer, sim [concordando em fazer o culote]. Nosso cartão de visitas é o nosso corpo (Priscila, 20 anos)

O cartão de visitas de Priscila nos parece deveras contemporâneo, se não, ao menos moderno, se pensarmos na escola de pensamento iluminista representada por La Mettrie. Essa – como citamos no segundo capítulo – preconizava que, através da materialidade do corpo em perfeito estado de saúde, o homem alcançaria a felicidade (Rouanet, 2003).

As declarações de Gisele e Luiza parecem se alinhar com as de Priscila e Lorena, uma vez que as mães das adolescentes recorrem ao mote da idade quando se referem às cirurgias de suas filhas. No entanto, uma diferença se evidencia. Lorena, convencida pela filha, permitiu que ela realize sua cirurgia aos 16 anos de idade e automaticamente sugeriu então que Priscila precisava “fazer o culote”. Priscila concordou.

No *site* “Artigos Informativos”²¹, encontramos na matéria “Analisando a cirurgia plástica em adolescentes” a declaração de Thereza, 49 anos. Ela já realizou 8 cirurgias plásticas e conseguiu encontrar uma clínica que realizasse procedimentos cirúrgicos estéticos em sua filha quando essa tinha 14 anos de idade. O artigo ainda informa que a filha de Thereza, hoje com 16 anos, “... coleciona artefatos estéticos, como prótese mamária, lipo abdominal, lipo no culote e Botox ® entre o nariz e as sobrancelhas”. Quanto aos gastos com cirurgias, Thereza parece dividi-los entre o seu corpo e o de sua filha, além de combater as opiniões de seus familiares, conforme suas próprias palavras:

Enfrentei a resistência do meu marido e do namorado dela. Também deixei de fazer intervenções em mim para investir num corpo perfeito para minha filha (Thereza, 49 anos).

O investimento, quando deixado de ser feito no corpo da mãe, é aplicado no corpo da filha. Sob a lógica financeira estabelecida por Thereza entre o seu corpo e o corpo de sua filha, temos a impressão de estarmos diante de um mesmo corpo. Considerando todos os procedimentos cirúrgicos realizados por Thereza e sua declaração de que ela “acredita ter livrado a garota [sua filha] da timidez e do complexo”, poderíamos nos perguntar: de quem mesmo estaria ela falando?

Por vezes temos notícias do tão comovedor amor parental em doar um órgão ao filho, caso haja compatibilidade para tal. Ora, por que seria diferente no caso das cirurgias estéticas? Em tom jocoso, se nos utilizarmos da ideia contida no título do livro de Novaes (2010), poderíamos imaginar a filha de Thereza se perguntando: “Com que corpo eu vou?”. Talvez, de pronto, respondesse a si mesma: “Com os peitos da minha mãe”!

O campo de pesquisa composto de recortes discursivos tem seus limites para realizarmos articulações com a teoria. O risco de incorremos em leituras rasas em que se fazem relações causa-efeito – sob o chavão “Freud explica” – é grande. No entanto, diante da fala de Thereza sobre seu corpo e o corpo da filha, talvez pudéssemos depreender considerações na linha da lógica fálica como utilizada na análise do exemplo de Gisele e Luiza acima.

²¹ Disponível em : http://local.artigosinformativos.com.br/Analisando_a_cirurgia_plastica_em_adolescentes_Rio_Branco_Acre-r1171334-Rio_branco_AC.html. Acesso em: 16 Out. 2011.

Assim, no exemplo de Thereza, que parece trazer uma mescla entre o seu corpo e o corpo de sua filha, talvez pudéssemos pensar se a mãe fálica de que nos fala Medeiros (2005, p. 174) não estaria para Thereza “com [sua] promessa de completude” assim como para sua filha, a posição de objeto fálico aprisionado ao desejo de sua mãe, tomando-a “como um modelo ideal para o seu Eu”? Se para Chemama (1993, p. 32) “a castração implica, primeiramente, a renúncia a ser o falo”, estaria a filha de Thereza combatendo sua angústia de castração, aceitando o procedimento cirúrgico investido nela por sua mãe?

Já no *blog* “Os sentidos da felicidade”²², encontramos a declaração de Giovana, 17 anos, que afirma categoricamente que realizou sua cirurgia por pura vaidade, e também a da sua mãe, Odila, que se diz satisfeita com o resultado da cirurgia da filha:

Ela pedia para colocar silicone desde os 13 anos. Conseguimos adiar por um tempo, mas depois achamos por bem satisfazer a vontade dela. A gente se cercou de cuidados. Achei que ficou ótimo, bem natural (Odila, mãe de Giovana).

Com a palavra, Giovana:

Sempre achei meus seios pequenos demais. Fiquei um ano insistindo para eles [os pais] me deixarem operar... sempre quis ter seios maiores. Não era complexada. Fiz por vaidade mesmo. As pessoas me elogiam mais. Estou mais confiante (Giovana, 17 anos).

Giovana afirma que foi mesmo por vaidade que realizou o procedimento cirúrgico, e sua mãe – que antes disse que não permitiria que a filha fizesse a cirurgia por vaidade – achou por fim que o resultado “ficou ótimo, bem natural”. É interessante relacionarmos a vaidade – motivo da cirurgia de Giovana – ao fato de ela se sentir mais “confiante”. Em suas palavras, parece estar implícita a ideia de que seu implante de silicone é garantia de alguma coisa. Não teremos como saber garantia do quê, apesar de ela afirmar que passou a ser mais elogiada.

²² Disponível em: <http://angelitascardua.wordpress.com/2009/05/22/mae-me-da-uma-plastica-de-presente>. Acesso: 16 Out. 2011.

Perseguindo ainda a lógica fálica na relação entre mãe e filha, talvez possamos nos apoiar em Alberti (2008), quando a autora nos diz que “não é possível pensar a adolescência sem referência à castração”, e que uma das formas possíveis de elaborá-la estaria no “maior ou menor cuidado com o corpo” (Alberti, 2008, p. 47). A vaidade de Giovana parece representar não só seu maior cuidado com o corpo, assim como sua imaginária assunção de confiança.

Pensemos então na ideia exposta por Chemama (1993, p. 31-32): “a castração se refere ao falo, enquanto um objeto não real, mas imaginário [...] separado do corpo”. Quando poderíamos afirmar que a prótese de silicone que Giovana implantou em seus seios funcionaria “como um efeito da elevação do falo à função [do] significante” **confiança?**

4.2.7

Corpos simetrizados: “o ideal do tamanho”

Na comunidade “Silicone é pra quem pode”, da rede social *Orkut*, assim como na maioria das comunidades destinadas à obtenção de informações sobre o implante de prótese mamária de silicone, é interessante notar que grande parte dos relatos, de forma geral, diz respeito às questões técnicas da cirurgia, como tipo de anestesia, técnica cirúrgica a ser aplicada, cicatrização, inchaço, dor, entre outros. As técnicas cirúrgicas estéticas aliadas à tecnologia de ponta parecem ser uma sofisticada reedição da técnica corporal para Mauss, já que são aplicadas ao corpo, ao sabor de como cada cultura aprendeu a “servir-se de seus corpos” (Mauss, 1934, p. 211).

Quanto aos aspectos do campo psi envolvidos no procedimento cirúrgico, a ansiedade e o medo frequentemente aparecem como representantes dessa esfera. Em se tratando de uma cirurgia, seria mesmo de se estranhar se não houvesse nenhum esboço de apreensão, algo que tocasse os referenciais de qualquer pessoa, dado o risco envolvido na situação. Nesse sentido, um dos questionamentos mais frequentes encontrados nas declarações daquelas que irão realizar a cirurgia ou já a realizaram e que talvez possamos associar ao campo psi diz respeito ao tamanho da prótese a ser implantada.

Dois fóruns em particular, na comunidade “Silicone é pra quem pode”, nos chamaram a atenção, por revelarem descontentamentos frente ao não alcance de

uma “forma ideal” para os seios. Os nomes dos fóruns, bastante sugestivos, inclusive na escrita, são: Crise do “ta grande” e Crise do “TA PEQUENO”.

Tais fóruns parecem retratar um paradoxo no discurso daquelas que optam pelo implante de prótese mamária de silicone: se, por um lado, querem ter seios maiores, grandes, por outro, não os querem tão grandes assim. Resta-nos saber em que implicaria o ideal do tamanho tão almejado. Podemos, ao menos, pensar que a simetria nos remete a algo estático. Ora, não é bem isso o que acontece com qualquer organismo vivo, muito menos com um corpo desejante. Seria o movimento do desejo, logo, inconsciente, a atravessar qualquer espécie de simetria que causaria a derrocada da egoica formal ideal para os seios? Vejamos as declarações de Bia e Patrícia, respectivamente, postadas no fórum Crise do “ta grande”²³:

Todo mundo que me ve nem percebe que coloquei silicone. Nossas, que medo dos meus ficarem muito grandes (Bia, 20 anos).

Eu tb não quero muito grande!! Encomendei a minha e pedi pra silimed a 235ml 255ml e 285ml tenho 55kg (estou acima o meu normal é 53kg) e 1,56 de altura. Acho q vou pedir pra ele ver entre a 235 e 255 pqto medo de por a 285 e ficar com cara de gordinha e depois ficar com estrias (Patrícia, 25 anos).

Na busca por seios simétricos, as próteses são equiparadas, podemos pensar, aos sutiãs. Sendo inúmeros os fabricantes desse tipo de produto, no discurso dessas mulheres, a prótese parece passar à função metonímica, da parte pelo todo, quando se referem à marca da prótese e não mais à prótese em si. Nessa busca, pensam meramente, com o auxílio do cirurgião, na proporcionalidade, analisando altura, peso e mililitros da prótese a ser implantada. Mencionam que assim podem ter uma ideia de como seus seios irão ficar. No entanto, as declarações parecem mostrar que, após a cirurgia, algumas “acertaram” no tamanho da prótese e estão felizes por isso; outras, desapontadas, já que a prótese não ficou do tamanho que imaginavam. Vejamos, então, as declarações de Fernanda e Cláudia, postadas no fórum Crise do “TA PEQUENO”²⁴.

²³ Disponível em : <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=5485877731058336673&na=2&nst=116>. Acesso em: 27 Nov. 2010.

²⁴ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=5395017208023214173&na=2&nst=530>. Acesso em: 28 Nov. 2010.

Meninas eu to desanimada, tenho 9 dias de operada e a minha prótese já diminuiu muito do tamanho que ficou no dia da cirurgia, pelo que eu estou lendo aqui a tendência é diminuir mais, certo? Será que depois que o seio pegar formato ele realmente fique maior? Coloquei 280 ml da Eurosilicone. Eu tenho 56 kg e 161 de altura, coloquei 280 ml perfil alto, e meus seios com 10 dias já estão pequenos, se eu pudesse, eu teria colocado no mínimo 330 ml. Estou muito desanimada, já chorei e tudo. Ta todo mundo falando que nem parece que eu coloquei silicone. Estou realmente precisando realçar meus seios (Fernanda, 21 anos).

Aiiii to entrando nessa crise aí! Poxa parece que joguei dinheiro fora....Tanto sofrimento de pós operatório pra ficarem assim?? Coloquei 240 ml da Eurosilicone (equivalente a 280 ml da Silimed) e hoje com 10 dias de silico já estou achando pequeno! Buááááá, é verdade que podem aumentar com o passar do tempo? Ouvi dizer que com o tempo a prótese descola e se projeta sobre a pele... (Claudia, 22 anos).

Frustrações parecem ser recorrentes nas declarações contidas nos fóruns que têm em comum, em seus nomes, o termo “crise”. Tais frustrações são bastante interessantes se pensarmos que elas ocorrem antes mesmo de 10 dias de pós-operatório, como é o caso de Fernanda, 21 anos. Nesse sentido, o fato de a adolescente entender que após a cirurgia seus seios teriam a forma por ela imaginada nos remete mais a uma imagem do corpo do que àquilo que podem ver. A partir de nossa articulação sobre o corpo representado, na esteira dos autores utilizados em nossa fundamentação teórica, relembremos que esse corpo só se institui às expensas de um conflito fundamental resultante do efeito das marcas pulsionais sobre o corpo orgânico operada pelo funcionamento do recalque. Assim, entre a prótese introjetada no corpo orgânico – consideremos ainda o inchaço pós-cirúrgico – e o corpo representado vivenciado para a adolescente, parece haver uma diferença que poderia levar o nome de “crise”.

Porém, se uma centelha de angústia sinalizar qualquer descontentamento com o tamanho dos seios após a cirurgia, não nos preocupemos: os avanços tecnocientíficos estão aí, também, para aplacar esse mal-estar. Estamos falando, nada mais nada menos, de uma das últimas tecnologias referentes à prótese mamária de silicone: a prótese ajustável, que tem como mote, justamente, a assimetria dos seios pós-cirurgia. A *Spectra*, como é chamada, encontra-se nos últimos trâmites de sua aprovação, no Brasil, junto à Agência Nacional de

Vigilância Sanitária, a Anvisa. Fora do Brasil, a prótese já foi aprovada e se encontra no mercado, principalmente em países da Europa. Segue a descrição contida no *site* da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, SBCCP²⁵ sobre o novo produto:

A novidade é uma câmara interna, onde pode ser inserido soro fisiológico por meio de uma cânula. Se preenchida completamente, esta câmara pode aumentar em até 30% a projeção do seio, o que resolveria o problema daquelas mulheres que, depois que o inchaço do pós-operatório vai embora, acham que deveriam ter colocado uma prótese maior. Elas têm um período de alguns meses para voltar ao cirurgião e sair com um novo tamanho sem ter de trocar a prótese.

Tal como a praticidade de se trocar numa loja um sutiã que ficou pequeno ou grande demais, as próteses mamárias de silicone justificam nossa paráfrase da campanha publicitária da Valisère, ou seja, “O primeiro silicone a gente nunca esquece”. Assim, o *Spectra* possibilita o ajuste do tamanho da prótese, após a cirurgia, para aquelas que não ficaram “satisfeitas” com o resultado cirúrgico. Não sabemos, aqui, se elas, no pré-operatório “optaram por um número” menor ou se seguiram as indicações de seus cirurgiões. Ainda podemos pensar que, a partir da cirurgia, com a introdução da prótese em seu organismo, uma nova representação para o corpo foi reorganizada, causando assim a “dissimetria”, como apontada anteriormente.

4.2.8

Corpos tímidos: “a vergonha é maior que o desejo!!”

O já citado *blog* “Desabafa” traz em um dos seus *links*, “Desabafos femininos”, o fórum “Tenho vergonha dos meus seios”. Com base nas declarações nele postadas, a vergonha em relação ao tamanho dos seios nos parece ser uma categoria em estreita relação com o desabrochar da sexualidade, diante do encontro com o “objeto sexual”, como nos diria Freud (1905, p. 195).

²⁵ Disponível em: http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=325:protese-ajustavel&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87. Acesso em: 14 Set. 2011.

Tenho 14 anos e minhas amigas são lindas tenho muita vergonha de mim mesma ... ã sou feliz! sou um monstro horrível !!! fico de blusa de frio o tempo td pra q ninguém veja o quanto são pequenos e feios !!! nunca tive um namorado,e acho q nunca vou ter pq com minha aparência ã deixo ninguém se aproximar de mim ...Querida ter seios enormes q chega me dessem problema na coluna. a minha dor é picicologica e acreditem é muito pior do que o dor fisica de ter seios grandes... quero muito colocar silicone e fazer uma serie de sururgias quando eu puder !!! E DEUS VAI ME AJUDAR EU SEI!! (Carolina, 14 anos).

Ja tenho 18 anos e meus seios sao muito pequenos!! mas muito mesmo, praticamente so os mamilos!! e isso me incomoda muito!! [...] eu namoro um rapaz de 20 anos e estamos juntos ha 1 ano e 2 meses ja, mas na hora da transa eu tenho muuuita vergonha de tirar a blusa! ele ja me perguntou varias vezes o porque que eu nao tiro a blusa na frente dele e ate se eu tinha vergonha do meu corpo!! eu fico com muita vergonha so de falar nisso e falo que nao tenho vergonha do meu corpo e que nao era nada disso! [...]ele vive me elogiando, dizendo que sou linda, sexy, gostosa (coisa que todo namorado diz) que me ama muito e que posso confiar nele... mas simplesmente nao consigo dizer o meu problema!![...] me sinto uma idiota transando de blusa, mas a vergonha eh maior que o desejo!! pior que eu tenho muito medo que eu nao consiga 'me libertar' logo e meu namorado que eh muito lindo e tem um corpo perfeito se canse e desista de mim!! (Karina, 18 anos).

GENTE EU TENHO SEIOS PEQUENOS .MINHAS AMIGA TEM TUDO SEIOS MAIORES QUE OS MEUS .E OLHE QUE ELA TEM 13 ANOS...I EU 15 CARA MIM OLHO NO ESPELHO MIM SINTO PESSIMA.MIM DEICHA MT TRISTE JÁ CHOREI VARIAS VEZES ..PQ SOU PEQUENA E MINHAS AMIGAS QUE TEM MENOS IDADE QUE EU SÃO MAIORES QUE EU.. TIPO NAUM PRESIZARIA TER SEIOS GRANDES ..MAIS SI MEDIOS,IRIA SER BEM MELHOR.MULHER COM SEIOS MEDIOS SÃO BEIN CHARMOSAS,MAIS DE SEIOS PEQUENOS TBM SÃO NA MAORIA DAS VEZES EU ACHO...POOW TEVE UNS DIAS QUE ESTAVA BEEIN DEZANIMADA POR CAUSA DISSO.E FUI LER PIADAS NA NET ;/ OEOEIWOIE E LI UMA QUE MIM DEICHOU MAIS PRA BAIXO AINDA MULHER SEM PEITO É IGUAL CAUSA SEM BOLÇO DA PARA USAR MAIS O HOMEM NUNCA SABE AOND POR A MÃE ..QUANDO VI ISSO DESLIGUEI O PC E FUI CHORA..MAIS SE DEUS MIM DEU ESSES SEIOS EU AGRADEÇO A ELE. EU I VOCÊS QUE SOFREM POR CAUSA DISSO TEMOS QUE PARAR DE SERMOS BOBAS,MAIS NAUM SAI DA NOSSA MENTE TIPO FAZEMOS AMOR COM CARA E ELE DEPOIS SAIR CONTANDO PRA TODOS .ISSO É O QUE MAIS PREOCURA ;S GRAÇAS A DEUS NUNCA PASSEI PORISSO..EVITO (Erika, 15 anos).

Eu tenho 17 anos, e tenho os seios médios, mais eles são um pouco flácidos, Namoro a um ano, tenho vontade de perder minha virgindade, mais tenho vergonha do meu namorado ter uma má impressão de mim! [...] Queria saber se tem algum tipo de exercicio domestico que faça com que eles fiquem mais durinhos. [...]Será que eu devo mesmo ter medo do que meu namorado vai achar de mim? (Denise, 17 anos).

Na ordem das declarações acima, é possível perceber que a primeira declaração, de Carolina, se configura bem mais imaginária, já que delega à sua aparência toda a infelicidade de sua vida. Já na última declaração, Denise expressa dúvida quando se pergunta se deve ou não ter medo da reação de seu namorado diante de seu corpo.

É inegável a associação para tais meninas, por vezes explícita, entre a vergonha de ter seios pequenos e o olhar do outro. Quando o outro é uma mulher, a comparação é inevitável, uma vez que seus seios são, de fato, menores do que os daquela conhecida como “peituda”. Se o outro é um homem, a vergonha e a ideia de não se sentirem desejadas parecem imperar, pois é comum a concepção de que o homem é atraído, tem seu olhar capturado “somente por mulheres com seios avantajados” – o que pode ser um dado de realidade – mais ainda, se tivermos em mente a moda dos peitos “turbinados” nos dias de hoje. Em outras palavras, se tais meninas se julgam desinteressantes por terem seios pequenos – o que não significa justamente por isso que sejam desinteressantes –, o fato mesmo de ter seios pequenos é real, já que, ao se compararem com as outras mulheres, percebem que são as “meninas com seios grandes” as que mais chamam a atenção dos homens.

A questão se traduz complexa, pois não fazer parte do “seleto” grupo daquelas que foram contempladas com atributos físicos que estão de acordo com o padrão de seios avantajados as exclui desse grupo. Tomemos como exemplo Carolina. A ideia imaginária “nunca tive um namorado, e **acho** q nunca vou ter pq com minha aparência ã deixo ninguém se aproximar de mim” parece lhe roubar a possibilidade de ir ao encontro de sua própria castração. Melhor dizendo, tal concepção parece fazer frente à sua castração. A partir do enfrentamento dessa, talvez ela pudesse estabelecer outros agenciamentos em relação ao seu próprio corpo, que não o de um ideal a ser alcançado. Talvez a castração pudesse deslocá-la da “posição de vítima” na qual se encontra.

Não devemos ser ingênuos a ponto de desconsiderar a questão da diferença, do arranjo singular elaborado por cada sujeito no campo da cultura. Também é verdade que existem meninas adolescentes que nos dão indícios de estarem mais em conformidade com os seus corpos. Mais ainda, há homens que gostam de mulheres com seios pequenos, sim. Nesse sentido, quatro pontos devem ser considerados: o corpo pautado pela mídia; o que a mulher acha que o homem gosta no corpo dela; o que, de fato, o homem gosta no corpo da mulher; e o que nos parece mais importante – o investimento representacional que as meninas dessa categoria têm de seus próprios corpos.

Para fazer contraponto, decidimos por incluir vinhetas do discurso masculino sobre o assunto.

4.2.9

Corpos desejados: “o olhar masculino”

Falar sobre silicone e, principalmente, sobre o fato de se os seios de uma adolescente “são ou não são siliconados” já tem seu lugar garantido na roda de conversa entre amigos. Assim como os cirurgiões, os homens em geral, à sua maneira, também estão interessados no assunto e se dividem entre aqueles que são contra e os que são a favor desse procedimento cirúrgico.

Vale lembrar, quando tratamos no segundo capítulo do corpo no campo na cultura, as declarações, respectivamente, do diretor científico, Paulo Roberto de Albuquerque Leal, e do presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Estética, José Tariki, no ano de 2009, no *site* “Aleitamento Materno”²⁶:

Estamos vivendo uma americanização do padrão e do gosto por seios volumosos.

O conceito era que brasileiro gostava de mama pequena e bumbum grande. Hoje, ter mama grande deixou de ser problema. Na década de 90, só 10% das cirurgias de mama eram de aumento enquanto 90% eram de redução.

²⁶ Disponível em: http://www.aleitamento.com.br/a_artigos.asp?id= x&id_artigo=2520&id_subcategoria=4. Acesso em 13 Set. 2011.

É sabido que o Brasil, no imaginário coletivo, é conhecido como o país da bunda. A preferência nacional do homem brasileiro pela bunda de nossas mulheres rende substanciosas e acaloradas discussões pelos quatro cantos do país. No entanto, de acordo com os números da SBCP, parece que esse cenário vem mudando lentamente. Estaria também tal cenário contribuindo para que meninas adolescentes recorram ao implante de prótese mamária de silicone?

Verdade ou não, “de nada adiantaria” mil e um homens dizerem a uma adolescente que o tamanho de seus seios é o que menos importa. Incorreríamos no risco de cair no campo da explicação, deixando de escutar aquela que se diz infeliz por ser desprovida de seios. No entanto, não podemos negar que é na insistência, no tempo lógico do outro, que se tem a possibilidade de provocar ranhuras na imagem de um corpo idealizado, logo, na tessitura de seu discurso, para termos então a chance de desvelar o que jaz por trás de seios turbinados ou bastante pequenos. Seguem abaixo, as declarações de alguns homens entrevistados por uma revista feminina²⁷ sobre o lado negativo dos implantes de silicone.

O lado negativo não está no silicone em si, mas em quem coloca nele a responsabilidade de se tornar mais atrativa sexualmente, às vezes exagerando no tamanho (Pedro, 44 anos).

Sobre o primeiro contato com mulheres que tinham implante mamário de silicone, Antônio e Marcos dizem:

Foi estranho, a garota estava esperando uma avaliação, era mais um julgamento do que uma curtição (Antônio, 42 anos).

Achei melhor que peito pequeno, mas não se compara com o original (Marcos, 24 anos).

Já André e Ricardo, ao serem perguntados sobre se preferiam um *strip-tease* com peitinhos ou um papai-e-mamãe com peitão, são categóricos:

²⁷ Disponível em: <http://claudia.abril.com.br/materias/2381/?pagina1&sh=&cnl=&sc=> . Acesso em: 03 Jul. 2011.

Um peitinho ousado é melhor do que um peitão que acha que está podendo (André, 27 anos).

Strip-tease com peitinho é mais sensual (Ricardo, 41 anos).

No *Blog* “Desabafa”, encontramos a reação de alguns homens diante das declarações, por vezes desesperadas, de algumas adolescentes:

Tem muito marmanjo por aí que se porta como se fosse o homem mais gostoso do mundo. As mulheres que ele dispensa, ou têm seios grandes, ou pequenos. Mas por dentro na verdade é um imaturo e inseguro [...] E você gata, que foi dispensada por um homem por ter seios pequenos - Ele é um idiota e você foi quem ganhou. Ele não te merecia [...] não esquente sua cabecinha pensando que é por ter seios pequenos que ninguém gosta de vc. Vai aparecer o seu. Não fique encucada com isso (Rogério, idade não mencionada).

Minha namorada tem 22 anos e não tem nada de seios..... Acreditem, o que importa é o AMOR.....sem contar que não ter quase nada de seio ou tê-los pequenos, é uma coisa exótica, que muitos homens podem gostar. Eu quando decidi começar namorar com ela, não foi pelo tamanho dos seios, e sim pelo que sentia por ela (Felipe, 24 anos).

Abaixo, a declaração de Karina parece corroborar o ponto de vista de que a fala masculina direcionada à menina adolescente fica no campo da explicação, remetendo à imagem corporal, pois o que seu namorado lhe diz sobre o seu corpo, ela não vê:

Ele vive me elogiando, dizendo que sou linda, sexy, gostosa (coisa que todo namorado diz) que me ama muito e que posso confiar nele... mas simplesmente não consigo dizer o meu problema!![...] me sinto uma idiota transando de blusa, mas a vergonha é maior que o desejo!! pior que eu tenho muito medo que eu não consiga 'me libertar' logo e meu namorado que é muito lindo e tem um corpo perfeito se canse e desista de mim!! (Karina, 18 anos).

É popular a ideia de que a mulher se arruma para outra mulher e, também, a de que os homens, muitas das vezes, não percebem nelas um simples corte de cabelo. Popular também é a ideia de que seria mais interessante para o homem, perceber em uma mulher seus seios do que seu novo corte de cabelo. No entanto,

chama atenção as declarações coletadas, nas quais os homens parecem preferir mulheres com seios naturais.

De qualquer forma, tais declarações parecem contrariar a moda dos peitos turbinados pautada pela mídia “como a bola da vez no jogo”. Se, por um lado, a mídia – ou melhor, uma parte dela – se presta a tal jogo, por outro, encontramos nela mesma as declarações de homens que preferem mulheres de seios pequenos.

Logo, também em parte, recai sobre as adolescentes – e, conseqüentemente, sobre seus pais – a responsabilidade de se submeter ao implante de prótese mamária de silicone, ao invés de se culpar a mídia tão somente como produtora de subjetividades “siliconadas”. Assim, não seria errôneo afirmar que o corpo histórico também encontraria, naquilo que a mídia pauta como “dever”, a justificativa para os seus atos.

4.2.10

Corpos em competição: “little miss sunshine e miss teen brasil”

Durante nossa pesquisa para a constituição do campo, nos deparamos com declarações de algumas meninas adolescentes que automaticamente se destacavam como uma categoria de análise à parte. Estamos falando das meninas que participam ou já participaram de concursos de beleza; esses, aliás, talvez possam nos contar, futuramente, um pouco da história das práticas de implante de prótese mamária de silicone em meninas em tenra idade.

Acreditamos que a linha de análise contida na discussão desenvolvida na categoria “Tal mãe, tal filha” se encaixa aqui. Entretanto, acreditamos que a categoria que por ora analisamos se diferencia das demais por expor o corpo da adolescente, com o devido consentimento dos pais, a uma severa avaliação na forma de uma competição institucionalizada, qual seja, os concursos de beleza para adolescentes.

Propomos a leitura de declarações de duas participantes do concurso promovido pela festa que celebra as tradições germânicas no sul do Brasil, a *Oktoberfest*. A primeira delas é de Marcela, uma das princesas da festa em 2011, de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, que colocou sua prótese quando tinha 17 anos. Sua declaração já aparece na categoria “Cirurgia estética: um presente de aniversário”, que foi retirada do artigo “Adolescentes aproveitam

as férias para voltar às aulas com silicone nos seios”²⁸. Esse, lembremos, salienta que Marcela “só fez a cirurgia porque era traumatizada pela ausência de seios volumosos”.

Poderíamos dizer que Marcela “não optou” por sofrer *bullying* na escola, se desconsiderarmos aqui a posição de vítima em que um sujeito pode se colocar nessas situações. Vale a pergunta: a “opção” de Marcela pelos concursos intensificaria ou não seu trauma? Havendo, por um lado, o prazer de concorrer em ser “a mais bonita”, por outro, parece haver algo além, uma vez que ela diz ter sofrido nos concursos.

O corpo pulsional nos indicaria, assim, a procura por uma satisfação que se encontra em um outro lugar que escapa às trilhas da razão. Se Freud (1915, p. 178) sugere que “uma condição para que ocorra o recalque [da pulsão] é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer”, essa parece ser justamente a prerrogativa “que não estaria funcionando” para Marcela. Segue sua declaração, transcrita na íntegra:

Doeu um pouquinho sim, mas valeu a pena. O resultado foi ótimo. Só quando eu coloquei as próteses passei a me sentir mulherão”. Fui vítima de bullying na escola. Sempre tive bunda grande, mas não tinha peito. Me chamavam de ‘bundita’ e de ‘reta’. Sofri mais nos concursos, quando vi as outras meninas com peito. Eu era um gurizinho. Teve uma vez que cheguei a chorar. Agora tudo ficou proporcional e estou mais feliz (Marcela, 21 anos em 2011).

Ainda no mesmo artigo, temos a declaração de Patrícia, atual rainha da *Oktoberfest*, que colocou implante aos 18 anos. Sua fala parece ser uma clara constatação do que ela percebe ao seu redor:

Adolescente tem sonhos. É o sonho de qualquer adolescente pôr silicone. Cada vez mais, ela procura pela plástica e beleza, vê isso nas revistas e passarelas. Cabe encaminhamento psicológico. É um ato de responsabilidade (Patrícia, 21 anos).

²⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-férias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

Outro concurso de beleza jovem é o *Miss Teen Brasil*²⁹, realizado em território nacional e específico para candidatas a partir de 14 até 19 anos de idade incompletos. A edição de 2011, realizada na cidade de Guarulhos, São Paulo, teve como chamada a seguinte frase: **“Seu momento de estrela pode estar próximo”**. Outro atrativo, além do “estrelato”, é o prêmio que será entregue à vencedora, um pacote de intercâmbio cultural de 30 dias no exterior.

Alessandra, vencedora do concurso em 2009, que diz não ter seios, lança mão de outras alternativas que não a do projeto de implante de uma prótese mamária de silicone. No entanto, ela não deixa de opinar sobre o assunto e conta o que tem visto nos concursos dos quais tem participado:

Eu não tenho muito peito, uso tamanho 40, mas não vejo necessidade de colocar prótese. Temos recursos para aumentar na hora do concurso, como, por exemplo, usar um sutiã que junta os seios para eles parecerem maiores e mais volumosos. Não sou contra a plástica, só não apoio o uso excessivo. Já cheguei a ver meninas de 14 anos com silicone nos concursos (Alessandra, 17 anos).

Já Renata, que ganhou a mesma competição em 2011, por enquanto prefere recorrer à atividade física em detrimento da cápsula de gel. Sua declaração traz a ideia implícita de que, para ela, não está em questão a moda de seios volumosos, mas sim a firmeza.

Se a lei da gravidade tomar conta, quem sabe? Por enquanto prefiro correr e malhar. Melhor fazer com 18 anos (Renata, 17 anos).

Vale a pergunta: quanto tempo levaria um ano para Renata? Por enquanto, com 17 anos de idade, ainda prefere exercícios físicos à cirurgia, a qual acha melhor fazer só quando completar 18 anos de idade. Não teria a velocidade de um ano, para ela, o caráter descartável dos tempos atuais, que poderia ser recuperado com uma cirurgia estética?

Assim, as meninas que representam essa categoria parecem diferir das demais por certificar o valor que conferem a seus corpos ao participarem de

²⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/adolescentes-aproveitam-ferias-para-voltar-aulas-com-silicone-nos-seios.html>. Acesso em: 30 Ago. 2011.

concursos de beleza. Na confluência entre seus próprios desejos e o desejo de seus pais, revelam, até certo ponto, a dimensão do contexto em que se inseriram.

Nas duas últimas edições do concurso, por exemplo, as vencedoras tiveram como prêmios valores em dinheiro para ser gasto exclusivamente com cirurgias estéticas. O então diretor executivo do concurso, Gerson Antonelli, ainda na mesma matéria, ressalta:

Não incentivamos ninguém a fazer [a cirurgia]. Optamos pela beleza natural, mas não perguntamos a elas quem fez alguma plástica. Se fez, não temos conhecimento (Gerson Antonelli).

Há de se fazer alguma reserva a respeito da declaração do diretor do concurso. Se não se incentiva nenhuma menina a fazer cirurgia plástica, podemos nos perguntar então a serviço do que estaria a oferta desse tipo de prêmio, justamente em um concurso de beleza.

Não há como não lembrarmos, aqui, de *Little Miss Sunshine*, o filme lançado em 2007, traduzido no Brasil como “Pequena Miss Sunshine”, que deu a Alan Arkin o Oscar de melhor ator coadjuvante. Arkin faz o avô de Olive, protagonista da trama; vale aqui uma pequena resenha de sua história.

Olive é uma menina entre os 6 e 7 anos de idade que está prestes a participar do concurso de beleza *Little Miss Sunshine*, em cujos padrões ela não se enquadra, já que tem uma pequena barriga, saliente para a sua idade, e usa um par de óculos que cobre quase que completamente seu rosto.

Para se preparar para a competição, Olive assiste várias vezes à cena final de outro concurso, o *Miss America*, que mostra as reações da vencedora ao ouvir seu nome como ganhadora. Rebobinando a cena várias vezes, e já se imaginando vencedora, Olive tenta copiar as expressões faciais daquela que levou o 1º lugar naquela competição. Além disso, seu avô lhe ensina os passos de uma coreografia com pretensões erotizantes a ser apresentada por ela no *Little Miss Sunshine*. Acrescente-se que o espectador só vem a conhecer essa surpreendente coreografia no final do filme, no exato momento de sua execução no concurso.

No entanto, Olive, que é filha de Richard, não pode ser uma perdedora e, também, deseja vencer o concurso do qual irá participar. Richard está praticamente arruinado econômica e profissionalmente e, pretensiosamente, quer vender seu projeto, um livro de autoajuda que relata 9 passos para a busca da

realização pessoal. O livro tem como mote o ideário norte-americano, revelado em uma de suas palestras: “Existem dois tipos de pessoas nesse mundo: os vencedores e os derrotados.”

Richard exerce reprimendas em sua filha como a de não tomar sorvete, já que engorda. Tal fato coloca Olive diante do impasse entre permanecer magra para o concurso e, então, vencer, ser uma vencedora – enquadrando-se assim no desejo de seu pai – e a culpa de realizar seu desejo de tomar sorvete e engordar, tornando-se, assim, uma perdedora. Logo, nessa lógica, ser uma perdedora nos remete àquela que cede aos seus desejos.

A questão em relação a um concurso de beleza é que ele recai justamente sobre o indivíduo; ou seja, é de total responsabilidade de Olive “ser bonita ou não”, de ganhar ou perder o concurso. Assim, o ideário americano, por si só, exclui toda a conjunção de forças que estão em ação no quadro composto pela esfera sócio-econômica e política da qual o concurso faz parte. O avô de Olive, pai de Richard, tem importante papel na vida da neta, pois conhecendo o filho que tem, lembra a ela que “perdedor é alguém que tem tanto medo de não vencer, que nem mesmo tenta”.

Grande parte do filme se passa durante a longa viagem para a Califórnia onde *Little Miss Sunshine* será realizado. Nessa jornada, a família de Olive, a bordo de uma Kombi, se diverte em ter que empurrá-la toda vez que ela é desligada em uma parada, já que teve sua embreagem quebrada. Será numa dessas paradas que o avô de Olive morre de overdose de cocaína, vício que era sua seqüela de veterano de guerra.

Entretanto, um pouco antes da morte de seu avô e já diante da proximidade do concurso, Olive começa a ficar apreensiva e pergunta a ele se ela é bonita, a que ele lhe responde: “Você é a menina mais bonita do mundo”. Chegando à Califórnia, já no salão do evento, Olive faz sua inscrição e encontra a atual *Miss California* dando autógrafos em cópias de sua foto. Olive vai até ela, recebe seu autógrafo e, como forma de ratificar seu desejo, lhe pergunta: “Você toma sorvete?” A *miss* então responde: “Adoro sorvete”. A pergunta, que mais nos remete a um “Você deseja?”, parece trazer na resposta de *Miss California* a confirmação da qual Olive precisava para seguir em frente. Isso porque, minutos antes de sua entrada para apresentar seu número, Richard e o irmão de Olive, Dwayne, tentam convencer Sheryl, mãe de Olive, de que a menina não deve

participar do concurso. Sheryl, por sua vez, sabendo que a filha não se enquadra dentro dos padrões de beleza para o concurso, diz a Olive que é ela mesma quem deve decidir.

Olive decide entrar e dedica seu número a seu avô, iniciando assim sua maluca e divertida apresentação – de cunho sensual – enquanto muitas das pessoas na platéia, em represália à ousadia, começam a se levantar e ir embora. Sem saber, Olive faz frente à lógica americana *winner or loser*, simplesmente extraindo do quadro que se apresenta alguma diversão. Uma grande briga com a comissão organizadora do concurso se instala e só irá terminar na delegacia, com a promessa de que Olive jamais se inscreva no concurso novamente. No final, mais uma vez, lá vai a família retornar para casa, mas não sem antes empurrar “essa kombi chamada desejo”.

Se *Miss Sunshine* tem alguma coisa de *Little*, parece ser justamente essa fagulha de desejo que Olive revela com sua coreografia, fazendo fundo à exposição dos corpos a que as outras concorrentes, que mais lembram miniaturas caricatas de mulher, se submetem, com o aval de seus pais. Já o concurso *Miss Teen Brasil*, que teve no ano de 2011 como prêmio para a vencedora um intercâmbio cultural, parece ser, nos dias de hoje, privilégio da mais bonita!